



Programa de Pós-Graduação em
Letras: Estudos Literários
da Faculdade de Letras da UFMG

Artigo disponível em
<http://www.lettras.ufmg.br/poslit>

HISTÓRIAS DE FAMÍLIA NA AMÉRICA

Eneida Maria de Souza
UFMG

RÉSUMÉ

Cet essai a pour but le rapport entre deux écrivains latino-américains – J.L. Borges et Autran Dourado – à partir de l'existence de rapprochements paralittéraires qui concourent à la création d'analogies de l'ordre de la fiction. La coïncidence entre des fables de famille qui sont propres aux deux écrivains servent de motif conducteur pour la création d'une lignée littéraire latino-américaine. Un tel procédé confirme un des principes de la création artistique, en rapport avec l'invention d'histoires personnelles et généalogiques, ainsi qu'avec la lecture de l'histoire considérée comme une représentation de romans familiaux.

“Modificar el pasado no es modificar un solo hecho; es anular sus consecuencias, que tienden a ser infinitas. Dicho sea con otras palabras: es crear dos historias universales.”

Borges

Duas fábulas de família unem dois escritores latino-americanos: Borges e Autran Dourado. O primeiro, considerado uma das maiores expressões da literatura argentina, lê a tradição histórica do país como suplemento de sua história familiar. O segundo, leitor brasileiro de Borges, tem-se dedicado a narrar, em vários de seus livros, o universo ficcional barroco de Minas Gerais, pelo viés dos conflitos inerentes à família patriarcal e à configuração intimista e fatalizada de suas personagens. Em ambos os escritores, as fábulas familiares se incorporam e se diluem na ficção, além de constituírem presença constante em seus depoimentos, entrevistas e textos de natureza nitidamente autobiográfica.

Tal procedimento reitera um dos princípios da criação artística, relacionado à invenção de histórias pessoais e de genealogias, assim como à leitura da história como encenação de romances familiares. O espírito de liberdade documental e a criação de fábulas biográficas não só orientam a poética desses autores, como servem de motivo condutor deste texto, que se pauta pela elucidação de parentescos literários existentes nas literaturas da América.

Amplia-se, igualmente, o campo da análise comparativista, conferindo-lhe um teor de caráter biográfico-cultural, convergência que permite a articulação entre textos ficcionais e paraficcionais, pela criação real e imaginária de cenas cujos protagonistas representam dramas pessoais e evocam episódios de família. Desloca-se a noção tradicional de influência, ao serem escolhidos autores que, de forma geral, a tradição literária latino-americana não reconhece como parceiros. Essa proximidade não se circunscreve apenas a analogias de ordem textual e estética, mas engloba componentes de ordem cultural e paratextual. A filiação e o parentesco literários produzidos no interior do universo ficcional desses escritores correspondem à inventiva fabulação do passado, ao esquecimento e recriações de genealogias familiares, exercícios imaginários praticados tanto por Borges quanto por Autran Dourado.

O fascínio que envolve a invenção de biografias literárias se justifica pela natureza criativa de seus procedimentos analíticos, ressaltando-se, entre eles, a articulação entre obra e vida, realizada através de pontes metafóricas. Consegue-se, dessa maneira, tornar infinito o exercício ficcional do grande texto da literatura, graças à abertura de portas paraliterárias. A crítica, ao escolher a tendência biográfica como uma das estratégias possíveis de cruzamento com o contexto histórico, descortina consideravelmente o horizonte de relações intertextuais. Os limites provocados pela leitura de natureza textual — cujo foco se reduz à matéria literária — são amplamente equacionados em favor do exercício de ficcionalização da crítica, em que o próprio sujeito teórico se inscreve como ator no discurso.

Esse mecanismo analítico tem como objetivo a produção de um *saber narrativo*, engendrado pela conjunção simultânea da teoria e da ficção, pela natureza documental e simbólica do objeto de estudo. A concepção do texto biográfico irá operar, portanto, em torno de dois eixos teóricos: a mimetização e a desconstrução dos modelos canônicos da historiografia literária, assim como da abordagem biográfica tradicional.

Expandem-se, por conseguinte, a rede de conexões, analogias e parentescos entre o texto ficcional e o texto da vida, entre correspondências veladas e inconscientes encontradas na obra de escritores, aparentemente distanciados um do outro. As analogias, ao se inserirem na cadeia metafórica de relações, rompem com a naturalização do processo comparativo (a obra entendida como reflexo da vida) e com o conceito diacrônico e positivista da história. Não se exclui, contudo, a presença de singularidades historicamente marcadas — a posição diferenciada que caracteriza determinado autor face à sua criação.

A preferência por um conceito de temporalidade sincrônica implica o jogo circular e espiralado do tempo, no qual o instante presente atua não só como ponto de mediação entre passado e futuro — raciocínio caro ao positivismo — mas se constitui também pela força reativadora do olhar diante do passado. A temporalidade, nas palavras de F. Guattari, não representa uma categoria universal e unívoca, mas distintos graus de apreensão, particulares e multívocos, o que impulsiona o movimento imaginativo de uma subjetivação polifônica e descentrada.¹

Vivenciada na sua condição precária, mágica e iluminada, a

1. GUATTARI, 1992.

experiência do presente vale-se da força inconsciente e inusitada do *acontecimento*, no sentido que também lhe confere Deleuze. Segundo o filósofo, desloca-se a questão da origem e do tempo para a superfície do acontecimento presente, já que não se interpreta mais o passado como fundador de sentidos. Proceda-se, assim, à instauração de outra dimensão espacial, em que o desenho chapado e liso da superfície substitui a descida hermenêutica em busca da profundidade do significado “escondido” nas camadas espaço-temporais dos textos.²

A temporalidade, entendida como contrapartida da espacialidade, constitui uma categoria capaz de motivar a reflexão sobre a questão cultural da literatura, da nebulosa aproximação ou distância entre territórios geográficos ou da concepção do tempo como empecilho para associações entre autores. A convivência literária entre o Brasil e a Argentina, por exemplo, permanece ainda bastante distanciada, o que nos incita a ponderar sobre os elos possíveis entre Borges e Autran Dourado, utilizando-nos, para tal, de elementos que transcendem o universo literário *tout court*.

A BORGES O QUE É DE BORGES

O episódio escolhido para o desenvolvimento do tema proposto neste texto refere-se ao encontro entre Autran Dourado e Borges, em 1970, ocasião em que o escritor argentino foi agraciado, em São Paulo, com o Prêmio Interamericano de Literatura Matarazzo Sobrinho. O relato desse encontro faz parte de um depoimento de 1979, prestado por Autran Dourado na *Biblioteca Mário de Andrade*, posteriormente incluído, como texto introdutório ao livro *Novelas de aprendizado*, com o título “Começo de aprendizado”.³ Nesse texto, o autor menciona ainda outra versão do encontro, narrada pelo escritor francês André Coyné, e publicada na *Revista Exil*. Presente ao almoço oferecido a Borges em São Paulo, o espectador estrangeiro reproduz em francês o diálogo entre os dois autores, fornecendo mais dados sobre o fato.

Quando iniciei a pesquisa sobre esse “encontro literário”, solicitei ao autor maiores informações que me foram, gentilmente, concedidas.

2. Cf. DELEUZE, 1974.

3. DOURADO, 1980.

4. MEYER, 1973.

Além da remessa de uma carta, em 1991, em que narra maiores detalhes do encontro, sugeriu-me a leitura do conto de Augusto Meyer — “Uma ou duas cabeças”⁴ —, no qual é enfocada a figura de Ângelo Dourado, avô do escritor, e participante da “bandeira” de Gomercindo Saraiva na Revolução Federalista de 1893, da qual fazia parte Aparício. Anexou, ainda, o fragmento do artigo de André Coyné, publicado na citada *Revista Exil*.

Com o humor que lhe é peculiar, constrói, na carta, nova versão do episódio, principalmente por se tratar de um texto escrito num momento em que se encontrava mais distanciado do fato. Reveste-se ainda de certa curiosidade a repetição de sua frase endereçada a Borges, no final do diálogo, tal como Coyné a traduziu: “Peut-être avons nous été le même homme. Ou peut-être mon grand-père et le vôtre ne se sont battus alors que pour que nous puissions-nous, leurs descendants, nous rencontrer aujourd’hui.” Seria interessante sublinhar dois aspectos nesta passagem: a distância do autor em relação ao seu próprio discurso — ao repetir, na carta, a sua resposta em língua francesa — e o clima de estranhamento observado durante a conversa entre eles. Dispomos, portanto, de três versões do diálogo mantido entre os escritores — o depoimento de 1979, o artigo do escritor francês e a carta — sendo que o olhar duplo sobre o fato reitera impressões diferentes da cena: o olhar francês, que presencia e registra o encontro; e o olhar brasileiro, que reescreve suas versões e as dos outros.

Motivado por uma intenção de ordem histórica — pelo menos no nível mais aparente do diálogo — Autran Dourado tenta se aproximar de Borges pela via indireta da figura do caudilho uruguaio Aparício Saraiva, cujas proezas foram descritas pelo avô, Ângelo Dourado, no seu livro *Voluntários do martírio*. O sobrenome *Saraiva*, grafado *Saravia* no conto de Borges “La otra muerte”, é o motivo condutor da discussão entre os autores, principalmente pelo fato de o escritor argentino afirmar, categoricamente, que não se tratava da mesma pessoa:

Perguntando uma vez a Borges, em São Paulo, quando fui lhe apresentado, se o seu caudilho era o mesmo herói do livro do meu avô, o consagrado escritor argentino fez uma tal fantástica confusão, recorreu a livros e situações históricas (não sei se falsas ou não, se inventadas ou não), que eu acreditei estar vivendo uma das páginas de *Ficciones*.⁵

5. DOURADO, 1980. Começo de aprendizado, p.10.

O avô Ângelo Dourado, médico e escriba da Revolução Federalista de 1893, exilou-se no Uruguai devido à sua posição contrária à política do então presidente Floriano Peixoto, tendo se integrado ao Exército Libertador que invadiu o Brasil na “bandeira” de Gomercindo e de seu irmão, Aparício Saraiva.⁶ Escrito, durante a batalha, em forma de cartas endereçadas à sua mulher, *Os voluntários do martírio* reúne a narrativa histórica com a familiar; dirigidas, inicialmente, a um destinatário particular, as cartas, ao serem estampadas em livro, alcançariam, no futuro, maior dimensão histórica. Ângelo Dourado era, assim, o retrato heróico da tradição familiar, ao conjugar, numa única imagem, as armas e as letras. Aos olhos do neto-escritor, a figura e, coincidentemente (?), as iniciais do nome Ângelo Dourado recebiam valor inestimável, em razão de o escritor brasileiro se considerar o herdeiro desta tradição familiar.

Na carta de 1991, o autor confirma o clima borgiano da conversa, além de acrescentar pontos que esclarecem a posição assumida pelos atores na disputa. Esta versão, reescrita recentemente, presentifica o confronto entre a história e a literatura e aguça o caráter competitivo do embate verbal. Quando o Autran Dourado se coloca na posição de vencedor, por terem sido provadas a identidade de Saraiva e sua participação na Revolução Federalista, não se abandona a hipótese de estar Borges exercitando mais uma de suas estratégias fabulares, movido, sempre, pelo esquecimento e pelo embaralhamento das fontes.

O escritor brasileiro, embora reconhecesse o teor borgiano da discussão, tinha consciência de que, naquele momento, estava exposto a um confronto público no qual se cruzavam, simultaneamente, “verdades” históricas de família e ficções dramatizadas pelos dois escritores. No início da carta que me foi enviada, Autran se nomeia vencedor da disputa, embora o clima estivesse completamente contaminado pela fabulação de Borges:

Aqui vai cópia da matéria que o escritor André Coyné publicou na *Revista Exil*, automne/hiver, 1975, sobre a conversa que tivemos, Borges e eu, em São Paulo. A história é mais longa e mais interessante, inteiramente borgiana, uma disputa em que eu acabei vencendo.⁷

O teor da carta conserva o efeito fantástico, mas ganha em narratividade e humor, ao recuperar, pela disputa verbal, o traço bélico das ações do avô e dos antepassados de Borges. Diante do impasse da

6. *Ibidem*.

7. DOURADO, Autran. Carta a Eneida Maria de Souza, datada de 16 de outubro de 1991, p.1.

verdadeira grafia de *Saraiva*, Autran Dourado avança, inicialmente, a hipótese de que era provável que os hispânicos não sabiam pronunciar “Saraiva” e dissessem “Saravia”. A réplica de Borges, uma “sonora gargalhada”, colocou seu contendor numa situação ridícula perante os outros que os ouviam. Autran utiliza-se, em seguida, do recurso livresco: solicita, ao dono da casa em que estavam, a consulta a uma enciclopédia argentina. Por meio de um gesto, considerado por Autran como arrogante e superior, Borges revida o adversário: “O escritor argentino mandava que lessem alto o verbete, acredito que, usando de uma metáfora, para me ferir com a sua espada”.⁸

De forma simbólica, a batalha de 1893 é revivida, no nível verbal, pela atuação de novos protagonistas que simulam histórias passadas pela rememoração oral da fábula. Comprovam-se o caráter imprevisível e o valor do esquecimento na reconstituição de histórias pessoais ou coletivas: por um deslocamento da letra *i* do nome Saraiva — Saravia, compromete-se a identidade da personagem histórica, desfazendo-se o elo com o passado político vivido pelos personagens da história latino-americana.

Ao sair vitorioso da disputa, graças à legitimação da verdade documental confirmada pelo verbete da enciclopédia, Autran Dourado reconhece a dupla face do encontro, bem como o caráter paradoxal da contenda. Permanece o sentimento de dúvida quanto aos gestos humanos, sempre à mercê do acaso, um dos temas principais da literatura de ambos os escritores, e que se filia à desconstrução do esquema maniqueísta, ou seja, a indagação sobre o lugar dos vencedores e dos vencidos, da coragem e da covardia, do destino e do livre arbítrio.

Por um lado, o fato documental poderia ter afastado dois autores, duas literaturas, duas histórias de família, uma vez que a ficção de ambos não se pauta apenas pelo documental, mas se nutre de burlas e de falsidades. Em contrapartida, a aproximação entre os dois escritores se realiza graças a um traço aparentemente sem importância — o deslocamento de uma vogal — o que vem reforçar a atração borgiana pelos pequenos acontecimentos, os quais, podendo ser trocados de lugar, adquirem significação mais rica e inesperada.

A presença da enciclopédia reforça, por outro lado, o papel ambivalente desempenhado na obra de Borges, ao servir tanto como modelo formal de construção de saberes quanto como forma de sedução, pela prática astuciosa de esquecimento desse saber. Ao reconhecer na

8. DOURADO, Autran. Carta a Eneida Maria de Souza, datada de 16 de outubro de 1991, p.2.

enciclopédia a configuração de conhecimentos múltiplos e fragmentados, o escritor argentino desconstrói a idéia do livro como documento de verdade e lugar fixo da memória, pela apropriação irônica e indébita de seus verbetes. Compreende-se, então, porque *Saravia* pode embaralhar *Saravia* e provocar discussões de âmbito internacional.

Autran Dourado devolve a Borges o que é de Borges, ao interpretar este *encontro histórico* segundo as idéias que movem o universo borgiano: a força do destino, a repetição de encontros literários e a magia do instante como participantes do devir infinito e do engendramento contínuo de narrativas. O tema desse enredo biográfico-literário remete, enfim, aos jogos de duplos e de identidades simuladas: personagens invertidas no espelho, antepassados se cruzando pela simultânea recriação do passado no presente, escritores reinventando tramas de família.

Reproduzo outra passagem da carta do escritor brasileiro, para que se perceba o tom narrativo do final da disputa verbal entre os dois autores:

Na enciclopédia estava que Aparicio Saravia lutara com o irmão Gomercindo na guerra civil terrível que foi a Revolução Federalista de 1893. Mas foi então que André Coyné escreveu: “Peut-être avons-nous été le même homme. Ou peut-être mon grand-père et le vôtre ne se sont battus alors que pour que nous puissions-nous, leurs descendants, nous rencontrer aujourd’hui.” Todos riram meio sem graça, pois o pequeno Davi acertara com uma pedra de sua funda ao gigante Golias, como diz a Bíblia. Como eu não estava para literatura naquela hora mas apenas querendo saber uma verdade, levantei o copo de uísque e saudei o escritor argentino, cantando a minha vitória — “Ora viva o amendoim”. Eles não conseguiram traduzir para ele o verso do Drummond que eu dissera. Ou é do Bandeira?⁹

Nesse trecho, a postura de Autran Dourado revela-se duplamente histriônica e séria. O teor da frase em francês reitera a idéia da história como destino, que, em Borges, se pauta pela infinita reencenação de momentos passados. A falácia e a invenção desses momentos dependem da ilusão nascida do sonho de cada um, e da sua concretização no instante fugidio e precário do presente. De forma mágica, duas histórias se enlaçam numa só história e a força da imaginação se mescla à representação do real.

Em “La otra muerte”, conto no qual a figura do avô de Borges — Isidoro Acevedo — serviu de inspiração criadora, e onde a personagem

9. DOURADO, Autran. Carta de 16 de outubro de 1991, p.2.

Pedro Damián, “a los diecinueve o veinte años, había seguido las banderas de Aparicio Saravia”,¹⁰ o autor recria a morte heróica da personagem, motivada pela febre e pelo sonho. No poema dedicado ao avô, intitulado “Isidoro Acevedo”, a fábula familiar ilustra a concepção borgiana do tempo e da história nacional:

Cuando una congestión pulmonar lo estaba arrasando/ y la inventiva fiebre le falseó la cara del día / congregó los ardientes documentos de su memoria / para fraguar su sueño / (...) juntó un ejército de sombras portefías / para que lo mataran. / Así, en el dormitorio que miraba el jardín, / murió en un sueño por la patria.¹¹

Convertida em climax vital, em ato mágico e sonho heróico, a morte representa a tranqüila aceitação do inevitável, além do intolerável abandono do cenário mundano. Nos textos borgianos, a morte individual, ao se contrapor à visão desumanizada da história, introduz, paradoxalmente, a palpitação e a efervescência do viver. A morte trivial de Damián, personagem de “La otra muerte”, transforma-se em ato glorioso no qual são esquecidos os antigos atos de covardia, já que a morte e realização das paixões e da existência caminham lado a lado. Vinculada ao tempo e à memória, a temática da morte constitui um dos eixos estruturantes da literatura de Borges. Maryse Renaud, no artigo “La muerte en la obra de Jorge Luis Borges: una fascinada vindicación de lo pasional”, interpreta a romantização da morte como forma de celebração da vida:

En medio de la asepsia de las construcciones mentales vibran las últimas manifestaciones de una vida corporal, violenta e tenaz, que se resiste a retirar-se. Porque novelar la muerte equivale, de hecho, a celebrar la vida, a exaltar las fuerzas primitivas, atávicas, irracionales que justifican un destino. Cualquiera que sea la estrategia del individuo frente a la muerte, que sea ésta culminación vital, acto mágico, sueño heroico o nostálgica retirada, todas las ficciones borgeanas coinciden en destacar la feroz y púdica belleza de la vida que se va.¹²

O “romance familiar” de Autran Dourado está parcialmente reconstruído no conto “Meritíssimo Juiz”, incluído no livro *Violetas e*

10. BORGES, 1992. *La otra muerte*, p.73.

11. BORGES, 1929. p.86-87.

12. RENAUD. La muerte en la obra de Jorge Luis Borges: una fascinada vindicación de lo pasional. In: *Anthropos. Revista de Documentación Científica de la Cultura*. Barcelona, p.146.

caracóis.¹³ Empregando os usuais procedimentos de sua poética, o autor reitera o caráter de verossimilhança de seu texto, jogando ao mesmo tempo com o documento e a ficção. Narra façanhas do avô, reproduz trechos do livro *Voluntários do martírio*, através do jogo inventivo de nomes e da condensação de traços de várias personagens históricas. Concentra na figura do filho — o dr. Saturnino Bezerra — o sentimento ambivalente de orgulho e de incapacidade de conviver com o antepassado ilustre. Ângelo Dourado é citado como um dos participantes da Revolução Federalista de 1893, ao lado de Aquiles Alves Bezerra, que representa ficcionalmente o avô.

Como Borges, em “La otra muerte”, Autran Dourado mescla atos políticos do presente com os do passado, rompendo a continuidade linear da história e conferindo à ficção o direito de se libertar dos limites temporais. O dilema entre os valores morais, tais como a coragem e a covardia constituem versões criadas tanto pela comunidade quanto pelo sujeito. Da mesma forma que Isidoro Acevedo, avô de Borges, que “murió en un sueño por la patria”, o dr. Saturnino Bezerra — personagem que condensa imagens do pai e do próprio escritor — realiza, fantasmaticamente, o desejo de ter sido o espelho de coragem e de heroísmo paternos: “À sua maneira, o dr. Saturnino Bezerra tinha sido como o pai. Foi o que reconheceu quando, magro e abatido, ele regressou da prisão, restituído que foi ao seu cargo e lugar.”¹⁴

O traço irônico do destino e a semelhança da personagem com as ações realizadas pelas figuras borgianas apontam traços comuns presentes na narrativa ficcional (e familiar) dos escritores em estudo. Configura-se, principalmente, o lugar de Autran Dourado como parceiro da ficção de Borges, quando apresentam a mesma visão dramatizada e irônica da história. Essa visão, próxima do conceito barroco da história, se mostra enquanto cenário fragmentado e em ruínas, povoado de atores que, ao representarem papéis, repetem, interminavelmente, alegorias da morte e da vida.¹⁵

Conclui-se, a partir da comparação entre o componente factual da vida e da ficção de Borges e de Autran Dourado, a existência de aproximações paraliterárias que concorrem para a criação de analogias de ordem ficcional. O avô — escriba e combatente da “bandeira” de

Gomercindo Saraiva — compartilha do universo fabular de Borges, assim como da história familiar e ficcional do escritor mineiro. Pela mediação familiar, instaura-se o parentesco situado no âmbito da ficção e da história entre dois representantes da literatura da América Latina. A inclusão da poética autraniana numa determinada linhagem literária latino-americana se impõe não só pela história política narrada pelo avô e reconstruída pelo escritor argentino, como pela posição de Autran enquanto leitor de Borges.

O encontro em São Paulo, ocorrido aproximadamente um século após a Revolução Federalista de 1893, inscreve-se como o prosseguimento da narrativa do avô Ângelo Dourado pelo neto-escritor, Autran Dourado. Reescrita que revitaliza a assinatura do texto familiar, tornando possível sua inclusão no universo espiralado e constelar da literatura e da história. Narrativa cuja trama é infinita, como assim sempre a concebeu Borges:

¿Hay un fin en la trama? Schopenhauer la veía tan insensata como las caras o los leones que vemos en la configuración de una nube. ¿Hay un fin de la trama? Ese fin no puede ser ético, ya que la ética es una ilusión de los hombres, no de las inescrutables divindades.¹⁶

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. *Origens do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
 BORGES, J. L. *El aleph*. Buenos Aires: Emece, 1992.
 ———. *Cuaderno San Martín*. Buenos Aires: Proa, 1929.
 ———. *Los conjurados*. Madrid: Alianza Editorial, 1985.
 DELEUZE, G. *A lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
 DOURADO, Autran. *Novelas de aprendizagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
 ———. *Violetas e caracóis*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
 GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
 MEYER, Augusto. *Seleção em prosa e verso de Augusta Meyer*. Seleção e notas de Dorcy Damasceno. Rio de Janeiro: José Olympio; INL, 1973.
 RENAUD, Moryse. La muerte en la obra de Jorge Luis Borges: una fascinada vindicación de lo pasional. In: *Anthropos* — Revista de Documentación de la Cultura. Barcelona: Editorial Anthropos, n. 142-143, p. 146. 1993.

13. DOURADO, 1987.

14. DOURADO, 1987. *Meritíssimo Juiz*, p.116.

15. Cf. BENJAMIN, 1984. p.199.

16. BORGES, 1985. 1982, p.93.